

**AS VARIEDADES DIALETAIS:
COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO EM POSTS**

João Batista Sena Neto (UERN, UFERSA e IFRN)

joaobsenaneto@gmail.com

Joerbertson Siqueira Tavares (UERN)

joerbertsontavares@gmail.com

RESUMO

As variações linguísticas estão presentes em todos os espaços sociais, arraigadas pelas práticas interativas de seu povo. Comumente, apesar das inúmeras discussões, ainda há situações em que o preconceito linguístico alcança a língua, classificando alguns dialetos como “incorretos”, isto é, negando as marcas identitárias e culturais das pessoas. Sob esse enfoque, o trabalho procura analisar em quais tipos de variações dialetais (territorial, social, idade, sexo e geração) (TRAVAGLIA, 2005) os *posts* se enquadram, dadas as configurações presentes, além de compreender o espaço das variações linguísticas, apontando para a sua funcionalidade, como também no entendimento sobre a norma culta, assim como estão expressas pelo gênero textual, por meio da linguagem verbal e não verbal. Para tanto, metodologicamente, a pesquisa configura-se como qualitativa, bem como apresenta um teor exploratório, vislumbrando destacar as variações dialetais presentes nos *posts* veiculados na rede social Instagram. Sob os achados da pesquisa, as postagens analisadas apontam para variantes geográficas e predominantemente sociais, apresentando a língua em função das pessoas. Dessa forma, é importante pontuar que as mídias digitais acompanham os fenômenos socioculturais de maneira a não ignorar a heterogeneidade constitutiva da língua, que está presente não só em expressões idiomáticas orais, mas também são consideradas em contextos virtuais de interação.

Palavras-chave:

Língua. *Posts*. Variações dialetais.

ABSTRACT

Linguistic variations are present in all social spaces, rooted in the interactive practices of its people. Commonly, despite countless discussions, there are still situations in which linguistic prejudice reaches the language, classifying some dialects as “incorrect”, that is, denying people's identity and cultural marks. Under this approach, the work seeks to analyze which types of dialectal variations (territorial, social, age, sex and generation) (TRAVAGLIA, 2005) the *posts* fit into, given the present configurations, in addition to understanding the space of linguistic variations, pointing out for its functionality, as well as in the understanding of the cultural norm, as well as expressed by the textual genre, through verbal and non-verbal language. To this end, methodologically, the research is qualitative, as well as presenting an exploratory content, aiming to highlight the dialectal variations present in *posts* published on the social network Instagram. Under the research findings, the *posts* analyzed point to geographical and predominantly social variants, presenting the language in terms of people. Therefore, it is important to point out that digital media accompany sociocultural phenomena in a way that does not

ignore the constitutive heterogeneity of language, which is present not only in oral idiomatic expressions, but is also considered in virtual contexts of interaction.

Keywords:

Language. Posts. Dialectal variations.

1. Introdução

A variação linguística, apesar das inúmeras discussões no meio escolar, como também, social, ainda se apresenta como uma pauta que requer apontamentos para a plena aceitação dos diversos modos de falar dos indivíduos. Sendo assim, nas redes sociais, há *posts* que apesar de não ter o propósito comunicativo de perpetuar estigmas, no entanto atingem em certo ponto um incômodo aos usuários. Por isso, é imprescindível discorrer acerca de como as variações linguísticas estão sendo postadas no universo digital.

Nessa perspectiva, há páginas que propagam em suas publicações recortes de preconceitos linguísticos ora destacando passagens das variantes mais usuais sendo taxadas de “incorretas”, ora argumentando em favor das diferentes variantes que por sua vez, podem ser históricas, geográficas, sociais e do campo da norma padrão. Com isso, precisam ser tomadas como objeto de estudo, a fim de destacar a sua importância em relação ao campo da sociolinguística, pois fomenta para o respeito das diferentes variantes, considerando o multiculturalismo existente em todo território brasileiro.

Paralelo a isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo, expressa que no ensino do componente curricular de Língua Portuguesa é preciso o trabalho com as variações linguísticas, levando em consideração a língua como fenômeno heterogêneo, visto que são muitos os dialetos imprimidos em todos os eixos da comunicação social, refletindo os traços históricos e culturais de seu povo. Desse modo, é importante pesquisar quais as variações linguísticas recorrentes nas publicações, buscando mensurar que em muitas não há reverberação do preconceito linguístico.

Para tanto, o trabalho tem como um dos objetivos analisar quais tipos de variações dialetais (territorial, social, idade, sexo e geração) (Cf. TRAVAGLIA, 2005) os *posts* explanam, dadas as configurações presentes, além das relações de sentido produzidas. Além disso, compreender o espaço das variações linguísticas, apontando para a sua funcionalidade, como também no entendimento sobre a norma culta, traçando a

essencialidade dessa com as diversas variantes existentes nacionalmente. Outrossim, perceber como os gêneros textuais na língua materna funcionam em razão das intencionalidades das variantes dialetais que buscam pelo/no texto apresentar ou até mesmo argumentar acerca de uma opinião, valendo-se das linguagens verbal e não verbal.

Metodologicamente, o trabalho enquadra-se como pesquisa qualitativa, já que analisou postagens veiculadas na rede social Instagram, destacando as variações linguísticas pertinentes nas publicações. Ademais, a pesquisa possui um teor exploratório, amparando-se nos pressupostos de Gil (2002), postulando comentários interpretativistas, buscando aflorar os estudos na área das variações linguísticas, bem como no combate diretamente aos preconceitos advindos sobre os diferentes falares.

2. *Variação linguística: funcionalidade e importância*

A variação linguística é imbricada diretamente com a sociolinguística, uma vez que, segundo Cesário e Votre (2008, p. 141) é “uma área que estuda a língua em uso real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Nesse sentido, os dialetos linguísticos são formas ligadas diretamente com os múltiplos contextos dos seus falantes, sendo que as suas marcas imprimem valores socioculturais.

Bagno (2013) menciona que

[...] os estudos pioneiros da nossa dialetologia, empreendidos na primeira metade do século XX, analisaram o português brasileiro separando ele em duas categorias estanques e opostas entre si: uma ‘língua culta’, empregada pelas restritas camadas urbanas mais letradas, e uma ‘língua popular’, predominantemente rural e associada aos falantes com pouca ou nenhuma escolaridade. (BAGNO, 2013, p. 55)

Sendo assim, um dos estigmas existentes surge nessa época, e até a contemporaneidade é perpassada a ideia de que as pessoas da zona rural possuem predominantemente acesso à norma popular, abstenendo-se da dita norma culta, atrelada muitas vezes aos indivíduos da cidade. Nesse ensejo, ressalta-se que nos meados dos anos 1900 a instituição escolar era restrita às camadas mais prestigiadas socialmente, o que implica no fato de uma pequena parcela da população ter acesso à escola.

Historicamente, a urbanização brasileira se expandiu por volta dos anos 1970 e por tal movimentação muitas pessoas do campo começaram a

conviver com outras demandas da cidade, uma vez que precisaram lidar acima de tudo com diferentes modos de vida, assim, foram obtendo mais contato com diversos espaços culturais e foram concebendo as variedades prestigiadas. Durante esse percurso, os dialetos do campo foram tomando o lugar de estigmatizados, pois eram vistos como sendo de classes de menor poder aquisitivo e de baixa escolaridade. Acerca disso, devido ao fluxo contínuo de migrações e interações entre os povos, hodiernamente podemos dizer que há variedades híbridas (Cf. BAGNO, 2013), graças ao alcance dos meios de comunicação de massa.

Sendo assim, a norma culta, consoante Antunes (2007, p. 88) “não implica o uso efetivo em todas as situações da interação verbal – restringe-se a algumas delas, apenas”. Com isso, percebe-se evidentemente que as variações linguísticas ocupam vasto espaço nas relações sociais, pois apresentam configurações que muitas vezes são próprias de um determinado grupo de pessoas. Ademais, a norma culta é vinculada geralmente para contextos que demandam maior grau de formalidade, como: artigos científicos, resenhas, ofícios e nos editoriais, pois, são ligados à propagação de pesquisas.

Assim, Antunes (2007, p. 90) postula em seus escritos que a “norma culta representa uma marca de excelência ou, pelo menos, da boa qualidade de uso da língua; quer dizer, instala-se a vinculação entre a boa linguagem e a classe social de maior prestígio”. Nessa pressuposição, é visível que o nível socioeconômico é fator quando se relaciona a um certo grau de formalidade. Logo, torna-se poder de controle político e afasta-se das pessoas em vulnerabilidade social, pois essas detêm baixo acesso aos cargos que tomam a norma culta como vetor de prestígio.

Em contrapartida, quando os dialetos de grupos e/ou comunidades são postos em meios de grande poder aquisitivo, surgem práticas tomadas de preconceito linguístico, o qual Pereira, Teixeira e Gomes (2021, p. 1) conceituam como “uma forma de discriminação causada pelas diferenças no uso de uma língua e na forma de se comunicar em um determinado local região ou grupo”. Nesse viés, não são respeitadas as marcas linguísticas de grupos marginalizados ou de nível de escolaridade baixo, pois são bombardeados, inclusive, de discursos de ódio e repressão.

3. Os gêneros textuais em função das variações dialetais

Nesse percurso, para partilhar as suas variedades e os seus dialetos, no campo da língua portuguesa, os seus usuários amparam-se por intermédio dos gêneros textuais, os quais, para Marcuschi (2008, p. 159), “são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados”. Com isso, depreende-se que os gêneros textuais abrigam diferentes textos, contribuindo para que os seus usuários conforme seus interesses utilizem-nos para registrar os seus dialetos e construir os seus discursos, perpetuando os seus dizeres, firmando parceria com as variações linguísticas.

Bortoni-Ricardo (2005) menciona:

Já se observou que as variedades linguísticas no Brasil não são compartimentadas. Caracterizam-se por uma relativa permeabilidade e fluidez que se pode representar com um continuum horizontal, em que as variedades se distribuem sem fronteiras definidas. A variação ao longo desse continuum vai depender de fatores diversos, tais como a mobilidade geográfica, o grau de instrução, a exposição aos meios de comunicação de massa, bem como a outras agências implementadoras da norma culta e urbana, ao gênero, grupo etário, mercado de trabalho do falante etc. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 24)

Como é notório, as variedades linguísticas estão subsidiadas por diferentes fatores, mas vale salientar que são construídas dependendo do contexto comunicativo, pois são de caráter flexível e, por conseguinte, dinâmicos, uma vez que atendem aos anseios de seus falantes. Cabe pontuar que a função social do usuário abre espaço para adaptar a formalidade ou informalidade em seu discurso dentro da interação verbal, já que “ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 25).

Nesse contexto, Travaglia (2005, p. 42) disserta que “basicamente podemos ter dois tipos de variedades linguísticas: os dialetos e os registros”. Os primeiros “ocorrem em função das pessoas que usam a língua”. Por outro lado, os registros “são as variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua”. Assim, segundo o autor supracitado há esses dois pontos sobre as variedades linguísticas, cada um denominado sob um diferente aspecto sobre a língua e os seus usos.

Ademais, Travaglia (2005) postula que as pesquisas sobre variedades linguísticas demarcam seis classificações referentes à variação dialetal. Três dessas são: territorial, regional ou geográfica, a qual pessoas de

regiões diferentes apresentam variedades em relação a uma mesma língua, tecendo nomenclaturas diversas para um mesmo objeto. A título de exemplo, a palavra macaxeira, que em muitos locais é nomeada por aipim ou mandioca, não alterando a significação do vocábulo.

Travaglia (2005, p. 42-3) discorre que geralmente essa variação ocorre:

a) pelas influências que cada região sofreu durante sua formação; b) porque os falantes de uma dada região constituem uma comunidade linguística geograficamente limitada em função de estarem polarizados em termos políticos e/ou econômicos e/ou culturais, e desenvolverem então um comportamento linguístico comum que os identifica e distingue. (TRAVAGLIA, 2005, p. 42-3)

Nota-se, *a priori*, que esses fatores estão imbricados pelo processo muitas vezes das formações evolutivas da língua ou por descritores próprios das regiões implicando na diversidade linguística. Travaglia ainda considera que “as diferenças entre a língua usada em uma região e outra normalmente são, em grande maioria, diferenças no plano fonético (pronúncia, entonação, timbre, etc.) e no plano léxico (palavras diferentes para dizer a mesma coisa)”. Compreendendo essa citação, abre-se um leque de possibilidades no campo linguístico, dado que a língua se torna ambiente de variedades a serviço das comunicações de seus falantes, vestindo-os com os seus traços socioculturais.

4. Metodologia

As variações linguísticas são objetos de suma importância na área da língua portuguesa, pois denotam a expressividade e carregam identidade cultural. Acerca disso, este trabalho tem como um dos objetivos analisar em quais variedades dialetais os *posts* encontrados na rede social *Instagram* foram construídos. Para tanto, a pesquisa enquadra-se no campo exploratório, o qual, segundo Gil (2002, p. 41), menciona que “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

Ademais, concentra-se também enquanto pesquisa qualitativa, já que não são mensurados dados com teor quantitativos, buscando tecer comentários interpretativistas sobre as postagens, observando se há ideias para o combate ao preconceito linguístico, notando as relações de sentido construídas e referenciando as análises com base nos pressupostos teóricos do trabalho, concretizando pontualmente o que fora evidenciado.

A constituição do material para servir como amostras advém da rede social *Instagram*. Foi pesquisado na área Explorar, o termo “variação linguística”, de forma que surgiram resultados de perfis diferentes. Para este trabalho, foram selecionados cinco *posts* com quantidade significativa de interações, entre curtidas, comentários e outros recursos permitidos pela plataforma. Por fim, os *posts* selecionados foram analisados com base no referencial teórico já apresentado.

5. Análise dos posts

Os *posts* analisados foram retirados das seguintes páginas do Instagram: @omundoecapitais, @linguisticabasica, @profaveri e @se.pou.ema.fosse.funk. As análises incumbir-se-ão dos aspectos das variedades linguísticas, dentro do campo das dialetais (TRAVAGLIA, 2005). Os *posts* estão organizados em números cardinais (1, 2, 3, 4 e 5).

Post 1: Primeira variação linguística de Bart Simpson.



Fonte: @omundoecapitais.

Post 2: Segunda variação linguística de Bart Simpson.



Fonte: @omundoecapitais.

Os dois *posts* acima são evidentemente ligados à variação dialetal regional, uma vez que os vocábulos explícitos são reverberados naquele local. Nota-se uma diferença no plano léxico (Cf. TRAVAGLIA, 2005), no entanto há nos *posts* uma situação constrangedora a qual a personagem passa dentro de um ambiente de sala de aula, assim, percebe-se um ato de preconceito linguístico, pondo em regra apenas um vocábulo dito como “correto”, a exemplo: “árvore” e “tangerina”. Desse modo, como pontua Antunes (2007, p. 98) “todas as variações de norma são linguisticamente legítimas”, pois como bem sinaliza a língua é regida pelas relações entre o povo, graças aos processos comunicativos, apesar de que existem inúmeras práticas preconceituosas sobre os diferentes falares, na tentativa constante de classificá-los como “corretos” ou “incorretos”.

Post 3: Conversa entre idoso e jovem.



Fonte: @linguisticabásica.

O *post* 3 apresenta uma cena de encontro entre uma pessoa idosa, como se vê pelo uso de uma bengala, além dos trajes e aspecto físico e uma pessoa jovem retratada por roupas mais “descoladas”, além do sinal feito pela personagem. Interpretando o *post*, é notável que houve uma ruptura na comunicação entre ambos, já que o idoso não compreendeu as gírias (gata, demorô, bolado) empregadas na fala do jovem, havendo um desalinhamento no campo linguístico.

Com base nessa ponderação, o *post* em análise insere-se na dimensão de idade, visto que Travaglia (2005, p. 46) menciona que “representam as variações decorrentes da diferença no modo de usar a língua de pessoas de idades diferentes, normalmente em faixas etárias diversas: crianças, jovens, adultos e velhos”. Nessa perspectiva, depreende-se que o

distanciamento entre gerações distintas acometeu esse ruído no processo do discurso, pois, as gírias apresentadas atendiam somente ao personagem jovem, não sendo compreendidas pelo outro.

Nessa imagem, em outras interpretações, poderiam surgir preconceito linguístico com a fala do jovem, sendo postulada como incorreta, já que não está dentro dos moldes da norma culta, entretanto, “a norma culta é um requisito linguístico-social próprio para as situações comunicativas formais, sobretudo para aquelas atividades ligadas à escrita” (ANTUNES, 2007, p. 88). Nesse viés, as gírias usadas na fala do jovem não é representação fidedigna de nível de escolaridade, tampouco a respeito de sua classe social, porém é recorrência de espaços interativos, bem como das tendências de variações de sua própria idade.

Post 4: Evolução do vocábulo.



Fonte: @profaveri.

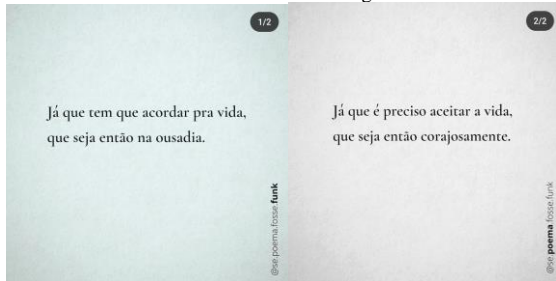
O *post* 4 de início é intitulado por “a língua em movimento”, apresentando um movimento de evolução linguística, apontando para a ideia de que tal fluxo é gerenciado pelas relações entre os seus falantes. Diante dessa afirmação, observa-se que o *post* enquadra-se na demanda da variação histórica, pois houve processos na própria configuração lexical, com perdas de grafemas, em consonância com os aspectos do campo fonético.

Travaglia (2005, p. 48) disserta que “as variantes históricas dificilmente coexistem e são mais percebidas na língua escrita, por causa do registro, que as faz permanecer no tempo”. Acerca de tal proferição, no *post* 3 o vocábulo “vossa mercê” sofreu severas modificações com o passar do tempo, chegando a ser referenciada por apenas 2 letras, como é o caso do “vc”, o qual se popularizou contemporaneamente nas relações no meio digital, com o intuito de abreviar muitas vezes a palavra.

Ademais, a evolução da língua em certas situações está intimamente ligada aos processos sociais de suas épocas, pois as relações

linguísticas são modificadas pelos seus usuários, procurando atender a diversos propósitos comunicativos, como também, aos aspectos fonéticos que mudam conforme o tempo, assim, a variação diacrônica como também é referenciada postula um olhar mais dinâmico e compreensivo sobre a língua, pois os seus vocábulos só são alterados em virtude da comunicação humana.

Post 5: Poemas no Instagram.



Fonte: @se.poema.fosse.funk.

O *post* acima enquadra-se no campo das variações linguísticas sociais, pois há uma forte presença de uma linguagem coloquial, como se vê nos seguintes termos: acordar e ousadia. Tais palavras vão além de seu significado literal, apresentando uma marcação conotativa. Nessa perspectiva, Travaglia (2005, p. 45) acerca dessa variação pondera “os dialetos sociais exercem na sociedade um papel de identificação grupal, isto é, o grupo ganha identidade pela linguagem”. Assim, a língua torna-se um passaporte para expressar as suas percepções e pensamentos, aliando-se não somente por uma única pessoa, mas em comunhão com determinados grupos que lidam com dialetos semelhantes.

Ainda nesse viés analítico, Travaglia (2005, p. 45) ressalta “por isso que se consideram como variedades dialetais de natureza social os jargões profissionais ou de determinadas classes sociais bem definidas como grupos (linguagem dos artistas, professores, médicos)”. Desse modo, cria-se uma identidade coletiva, pois interesses comuns são introduzidos por intermédio da linguagem, gerenciando uma tendência a construir dialetos intrínsecos àqueles grupos.

Interpretando o *post*, é notável uma novidade nas análises, pois apesar de uma variação, percebe-se uma relação de intertextualidade na configuração da publicação, pois o gênero textual poema foi recriado com base em um já existente, levando em consideração o nome da própria

página que veiculou a postagem “se.poema.fosse.funk”, apresentando um alinhamento do título com suas publicações. Então, é o post 5 é uma espécie de criação artística social, procurando marcar a linguagem de um grupo por meio de um poema com maior teor formalístico, estruturado em vocábulos considerados mais padronizados.

Em suma, vale salientar que os *posts* analisados estão elencados em variações dialetais, percorrendo desde as variações geográficas até as de cunho predominantemente social. Nesse ensejo, as variações vão ao encontro das contribuições de Travaglia (2005). Outro ponto comum destacado nas análises é uma representação das diferentes variações e suas roupagens, mostrando inclusive situações de preconceitos linguísticos (*posts* 1 e 2) que no dia a dia são frequentes, não respeitando os dialetos e negando o aparato sociocultural nacional, pois a língua portuguesa primordialmente é tecida por pessoas que imprimem seus valores e culturas em diversos lugares.

6. Considerações finais

O interesse pela pesquisa surgiu por intermédio das discussões acerca das variedades linguísticas e as suas relações na comunicação humana, já que imprimem identidade e cultura nos dialetos. Diante dessa premissa, este trabalho abarcou investigações em postagens veiculadas no Instagram, percebendo um direcionamento tanto a explicação das variações, como também no instrumento de situação onde o preconceito linguístico reverberou, sendo motivo de comicidade, negando os princípios linguísticos, além da valorização cultural.

Nesta investigação, percebe-se muitas respostas positivas, pois há uma forte presença de diversidade linguística nas publicações. Ademais, alcançando os objetivos traçados no trabalho, desde a funcionalidade das variações linguísticas, perpassando a sua relação intrínseca com o gênero textual “post”, além do desenhamento das variações dialetais, já que expressam categorias diferentes quanto ao uso da língua. Outro ponto preponderante que tange essa discussão é a importância de se combater o preconceito linguístico, garantindo o respeito, bem como o direito das pessoas em socializar os seus dialetos.

Portanto, o presente trabalho científico trouxe discussões satisfatórias em comunhão com os seus resultados, pois os *posts* apresentaram diferentes variações dialetais, afirmando as suas características próprias. Sob

esse prisma, é válido conceber a língua não apenas enquanto parâmetro formalístico, no entanto, compreender o seu funcionamento de acordo com as necessidades dos seus falantes, pois essa está a serviço de seu povo. Assim, quebrando estereótipos arraigados em diversas instâncias sociais, culminando na multiplicidade de dialetos presentes em todo o território nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BAGNO, Marcos. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-55

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PEREIRA, Pedro Afonso; TEIXEIRA, Leonardo Liberal; GOMES, Julia de Oliveira. *Preconceito Linguístico e seu impacto social*. Belo Horizonte: 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.